



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia com crianças

Por: Hélio Júnior Girelli²⁵
hkgirelli@hotmail.com

Resumo

O ensino de filosofia obrigatório nas escolas já é uma realidade, porém a proposta engloba apenas o ensino médio; nossa pesquisa caminha a uma especulação sobre a filosofia voltada a educação infantil, fundamental e séries iniciais. A grande questão é como trabalhar a filosofia para que ela alcance o fim esperado dentro das modalidades de ensino propostas. Ou, antecedendo essa questão: o que se esperar da filosofia com criança? Com todos esses anseios partiremos em uma busca bibliográfica sobre as experiências sobre filosofia com crianças, observar os programas já existentes, os pontos positivos ou negativos. Deparamos com a problemática do que trabalhar em uma aula de filosofia com crianças. Partiremos do pressuposto de que a filosofia poderá conduzir a criança ao filosofar.

Palavra chaves: Filosofia; Educação; Criança.

Resumo

La deviga instruado filozofion en lernejoj estas realaĵo, sed la propono traktas nur la alta lernejo; nia esploro iras la spekulado pri la filozofio celantaj infanĝardeno, elementa kaj malaltaj karakteroj. La granda demando estas kiel labori filozofio por ke ĝi atingas la finon atendita ene de la metodoj de instruado proponoj. Aŭ, antaŭante tiun demandon: Kio estas atendita de filozofio kun infanoj? Kun ĉiuj tiuj sopiroj foriri sur bibliografiaj serĉo sur la spertoj de filozofio kun infanoj, observi la ekzistantaj programoj, la pozitivaj kaj negativaj punktoj. Alfrontita kun la problemo de laboro en filozofio klaso kun infanoj. Ni supozos ke filozofio povus konduki la infanon al filozofi.

Ŝlosilvortoj: Filozofio; edukado; Infano.

Abstract

The teaching of philosophy required in schools is already a reality, but the proposal includes only high school; our research walks the speculation about the philosophy

25 É graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. É servidor público estadual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR, Núcleo Regional de Educação de Assis Chateaubriand.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

focused on early childhood education, fundamental and original series. The big question is how to work the philosophy so that it reaches the order expected within the modalities of education proposals. Or, prefacing this question: what if you expect from philosophy with child? With all these aspirations we leave in a bibliographic search of experiments on philosophy with children, observe the existing programmers, the positive or negative points. Faced with the problem of what working in a class of philosophy with children. We leave the assumption that philosophy may lead the child to philosophize.

Word Keys: *Philosophy; Education; Child.*

Introdução

O percurso histórico da filosofia, como podemos perceber, teve seu altos e baixos até os dias de hoje, devido aos questionamentos quanto a sua importância na formação do indivíduo. Claro que sempre existiram aqueles que lutaram para o reconhecimento da filosofia e também da sua importância para o desenvolvimento de um indivíduo, a qual, como percebemos, leva o homem ao que chamamos “pensar Bem”, no sentido que este homem possa refletir sobre as coisas do seu tempo e do seu mundo. E por que não pensar sobre a história ou o percurso da humanidade, até mesmo pensar sobre si e sobre o verdadeiro conceito de humanidade, sobre o que é ser homem?

Assim, a filosofia se torna de extrema importância para formação do cidadão que queremos em nossa sociedade, pois afinal somos e agimos ao reflexo de nossos pensamentos, e se pensamos e agimos bem, ou seja, de forma coerente e inteligente, provavelmente, é por que em algum dia alguém nos provocou a ter um pensamento crítico sobre assuntos que são apresentados como verdades.

Nessa pesquisa queremos nos aprofundar nos métodos de ensino de filosofia com crianças, para que possamos provocar uma discussão sobre a filosofia

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

voltada à ela. Nossa busca será em demonstrar como conduzir a criança no processo de filosofar, visto que para que ela consiga é preciso superar um processo que vai além do vulgo, do comum, que supere o que estamos acostumados a pensar.

As grandes questões de nossa pesquisa são: como conduzir a criança ao filosofar? Como trabalhar a filosofia em um ambiente escolar? Como fugir do ensino apenas da história da filosofia e do achismo para um ensino filosófico? Diante de todas essas questões almejamos apresentar esse artigo para que também auxilie o professor que poderá utilizar a filosofia em suas práticas pedagógicas.

Contextualizando a Filosofia: os benefícios da filosofia no ambiente escolar

A filosofia é, sem dúvida alguma, a disciplina que ensina a “pensar bem”. Isso significa que a filosofia será cada vez mais necessária, pois é ela, na medida em que se ocupa com o pensar em geral e o que nos prepara para pensar sobre as outras disciplinas.

Não se trata, porém, de querer defender a superioridade hierárquica da filosofia, mas de mostrar apenas que ela é tão importante quanto a Matemática, a Física, a Biologia, a História, a Geografia, a Química etc. Salienta-se, portanto, a importância da filosofia não somente como uma disciplina isolada, mas também como um projeto interdisciplinar, ou seja, como uma proposta de escola e de educação que deverá perpassar todas as disciplinas. Sabendo dessa importância, agora temos que pensar como trabalhar a filosofia em ambiente escolar. Para isso é necessário provocar uma reflexão no ambiente escolar refletindo sobre a filosofia como proposta ao bem pensar.

Mas afinal o que é filosofar? Filosofar é buscar a sabedoria por meio de um

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

esforço consistente de reflexão, tratar de um assunto analisando todas as suas possibilidades para podermos chegar mais próximos da verdade, e que a criança se desperte na curiosidade que a impulsionará a perguntar sobre si e sobre o que a cerca e sobre os famosos “por quês?”.

Nesse processo filosófico é mais importante o caminho do que a própria conclusão, para as crianças, o pertinente é mostrar como pensar perante as ideais apresentadas em qualquer situação.

Filosofar consiste em dizer que mediante o diálogo, os estudantes vão construindo a consciência reflexiva e crítica. Deste modo, a comunidade em debate caminha numa constante busca de razões que conduzirão o grupo a um pensar de ordem superior, isto é, a um pensar crítico e cuidadoso. O princípio metodológico mais coerente para as aulas de filosofia é o da participação, porque nos remete a uma ação dialógica. Sendo assim, a sala de aula, por excelência tem certo privilégio para que os alunos e os professores possam estabelecer o diálogo. Mas para isso, deve saber como sustentar um diálogo na comunidade em debate, já que, o diálogo exige um querer objetivado, ou seja, ele não acontece somente porque tem um número de pessoas reunidas.

A boa discussão é fruto de um querer objetivado, pensado, organizado, provocado, analisado, refletido num constante pensar e repensar do fazer filosófico. O filosofar, por sua vez, exige uma comunidade que saiba perguntar, argumentar, problematizar, conceituar, relacionar e investigar de forma coerente o conteúdo em debate. Entende-se, deste modo, que a comunidade encorajada pelos saberes de filosofar, adquiridos na escola, vai obtendo autonomia sobre seus pensamentos originados da reflexão contínua, a qual o levará a não necessitar tanto do profissional

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

professor filósofo, que o ensinou e ou mostrou as formas de pensar, libertando-o do pensar comum. Mas enquanto isso não acontece, a interpretação do mesmo é indispensável, pois saberá valorizar o pensamento de todos, buscando fazê-los reflexivos dentro dos assuntos abordados. Diante disso, entendemos que a sala de aula é um espaço próprio para que o aprender a pensar aconteça e para que, com o grupo, aprenda se a conhecer pelo filosofar.

Para que a educação para “o pensar” não se transforme em um “falatório” é preciso adotar procedimentos metodológicos que envolvam os estudantes num diálogo que os desafie a pensar e a produzir idéias. Os estudantes precisam, antes de tudo, envolver-se com aquilo que está sendo problematizado pela comunidade de investigação. Assim no momento em que a criança se apropriar do conteúdo em discussão, ela participará. Para isso, é necessário criar condições para que de fato isso ocorra.

Observe algumas metodologias que serão mostradas e propostas objetivando condições para “o pensar”.

A partir de um tema que seja comum para o grupo, e da leitura, o professor desencadeia uma discussão, transformando a sala de aula em um palco de debate. Lido e compreendido o texto, é preciso problematizá-lo, o que pode ocorrer pelo levantamento de questões. É preciso e necessário que os estudantes determinem os conteúdos a serem julgados, sendo assim mais significativo e interessante. A discussão filosófica é o núcleo da aula de educação para “o pensar”, ou seja, é o “coração” da prática filosófica. A prática dialogada provocará um intercâmbio de opiniões e fundamentos acerca de idéias e conceitos filosóficos. Posteriormente à discussão, os participantes do debate necessitam sistematizar ideias discutidas e registrá-las. A

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aula de educação para “o pensar” com crianças não intenciona, obrigatoriamente, um “fechamento”, uma “conclusão” a que todo grupo deverá chegar.

A metodologia da participação na investigação dialógica é desafiadora porque exige que os sujeitos se anunciem se revelem e se coloquem em confronto. Falando com os outros e ouvindo-os, exercita-se o pensar sobre o próprio pensar e, conseqüentemente, melhoram-se as ideias, fazendo autocorreções, percebendo as coerências e as incoerências do pensamento e buscando razões que fundamentem as afirmações feitas. Também é necessária a organização da sala de aula de forma que os estudantes consigam ver uns aos outros, a fim de que possam iniciar uma conversa. Seguindo os passos metodológicos sugeridos, vai se criando o ambiente favorável para “o filosofar”.

O professor tem uma tarefa muito importante, pois é ele quem vai, primeiramente, se munir de “estratégias de diálogo” para ser um provocador do diálogo filosófico. Cabendo ao mesmo ter clareza e competência para exercer o seu papel de facilitador da discussão; como destaca Lipman: “Incentivar o pensar filosófico é uma questão de levar as crianças a refletirem de maneiras novas, a considerar métodos alternativos de pensar e agir, a deliberar de maneira criativa e imaginativa” (1994, p. 147).

O professor deve ter sensibilidade para saber intervir no momento certo e garantir que a discussão seja cada vez mais estimulante, pois de nada adianta ele listar e aprender as perguntas que são estratégias de diálogo se essas não forem feitas no momento certo e para a pessoa certa.

De acordo com o modelo histórico-cultural, os traços de cada ser humano estão intimamente relacionados ao aprendizado, à apropriação do legado do seu grupo

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cultural. O comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terão relações com as características do grupo social e da época em que ele se insere. Assim, a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatores isolados, mas da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso do seu desenvolvimento. (REGO, 2002, p. 50)

A escolha de textos que geram polêmicas, que causam inquietações filosóficas, que seja provocadora de curiosidades e que exijam a manifestação do grupo no sentido de se posicionar é um passo extremamente importante. Com isso, queremos dizer que há bons textos e maus textos, cabendo ao coordenador da discussão organizar e apresentar textos pertinentes a proposta de filosofar ou simplesmente partir de uma simples pergunta de uma criança, propor uma discussão.

Não são poucas as situações em que precisamos ajudar os alunos que estão com dificuldades para se expressar, pois, em muitas vezes, eles não conseguem encontrar as palavras certas ou as mais apropriadas para o sentido e o significado daquilo que querem dizer. O professor precisa tomar cuidado ao reformular o que é expresso para que não distorça o conteúdo essencial que o aluno está tentando dizer. O professor pode querer explorar não só o que os estudantes dizem, mas também o significado do que estão dizendo. Podemos incentivar os alunos a explicar o que disseram por meio das seguintes estratégias: você está dizendo que...?; A idéia que você quer expressar é...?; Você poderia explicar melhor o que está dizendo...?; Você poderia sintetizar o que está dizendo?; Eu poderia resumir assim a sua argumentação...?

Utilizar de interpretações assertivas pode contribuir para que a discussão

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

avance e para que haja mais envolvimento do grupo e diferentes posicionamentos. O professor necessita estar atento durante o tempo todo para não deixar passar expressões, gestos que estão comunicando opiniões, posicionamentos, inquietações, mas que estão sendo manifestados por uma comunicação não tão aberta, clara e direta.

É próprio da filosofia o esforço permanente em buscar coerência. Poderíamos dizer que a especificidade da filosofia é justamente essa necessidade de compreender e clarear os significados dos conceitos que estão sendo empregados em uma discussão, em um texto ou em uma exposição. O espírito investigativo e inquietador da filosofia não permite trabalhar com a diversidade de conceitos expressos em um termo no mesmo contexto. Logo, uma boa discussão levará a que o grupo tenha, em primeiro lugar, clareza do significado do termo empregado no diálogo. O pensamento filosófico é cuidadoso, crítico e criativo; por isso, é ávido para perceber contradições, falácias, incoerências e ambigüidades. Assim, uma comunidade de investigação não pode andar às cegas e se dispor a discutir sem um entendimento comum acerca do que está em questão.

Algumas polêmicas que ocorrem durante a discussão podem estar acontecendo não porque o conteúdo discutido é polêmico, ou muito interessante, mas porque as crianças podem estar usando o mesmo termo, mas definindo-o de maneira muito diferente. Quando isso ocorre, é preciso explicitar as definições, tentar esclarecer os termos e optar por uma definição que seja aceita pelo grupo. O dicionário pode ser um recurso interessante em situações que exijam definições, todavia, se o termo for muito problemático, é mais aconselhável abandoná-lo. Entretanto, é preciso ter cuidado, pois a aula de filosofia não deve se transformar em

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

exercícios de definições; o que conta no debate é o envolvimento do grupo, o diálogo progressivo e investigador. Por isso, o professor precisa cuidar para não solicitar definições em momentos inoportunos, não apropriados, pois, se o diálogo transcorre positivamente, não se faz necessária à intervenção. Assim, havendo compreensão, o correto é solicitar definições somente quando os estudantes, de fato, estiverem com dificuldades de avançar no diálogo em virtude do não entendimento das palavras.

Uma das características do diálogo é descobrir o que está implícito, pressupor, ou seja, supor antecipadamente a intenção, a compreensão, o entendimento do conceito que está oculto, mas o que aparece subentendido. Os argumentos, numa discussão filosófica, são o que de fato sustentam uma boa discussão. As ideias dão vida aos argumentos que estão ou deveriam estar baseadas em razões. Alguns estudantes, contudo, expressam suas crenças e suas opiniões sem a preocupação de que estejam sendo sustentadas por argumentos válidos. No início da formação da comunidade de investigação, é possível que as crianças façam afirmações e não consigam justificar seus posicionamentos com bases em boas razões. Nesse período, poderemos ouvir muito “porque sim!”. Com o tempo e com exercícios das habilidades de pensamento, os estudantes darão suas opiniões quando essas, de fato, puderem ser sustentadas por razões.

É muito importante reconhecer que existem muitas alternativas e que a minha alternativa pode não ser a única. A rotina do dia-a-dia pode levar os estudantes a não buscarem alternativas, por comodismo ou porque, de fato, acreditam que só há uma resposta possível para determinada situação. A sala de aula, sendo um espaço de discussão, pode ajudar as crianças a se libertarem dessa visão estreita de pensar que só existe uma forma cabível, somente uma opção a se fazer, levando-as a ampliarem a

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reflexão para várias alternativas que elas próprias poderão criar, desenvolver ou descobrir.

É importante também cuidar com o uso de falácias. Alguns até se dão bem convencendo os demais pela persuasão, mas não pela validade do que está sendo dito. Com o passar do tempo, a indicação de falácias não será mais exclusividade do professor, pois as próprias crianças terão condições de perceber a falácia na argumentação dos colegas; entendendo as falácias como sendo meios de convencimentos não legítimos considerados no conhecimento lógico.

O estudo e o exercício da observação serão quesitos importantes a quem se dispuser a estimular crianças para que raciocinem, pensem por si mesmas, aprendam a pôr o mundo em questão e a justificar, desde cedo, suas afirmações com bons argumentos. Sabemos que essa tarefa não é tão fácil, pois a formação da grande maioria dos professores, para não dizer de todos, fez-se no sentido de reproduzir, de concordar, obedecer, ouvir, repetir e copiar. Dizer que algo é difícil não significa afirmar que seja impossível. Os educadores estão sendo desafiados a pensar e a permitir o pensar. A filosofia exige um olhar crítico, questionador, responsável e cuidadoso, capaz de provocar a metamorfose no educador e de permitir que o espírito investigativo não se perca na primeira infância. Numa comunidade de investigação todos aprendem sem medos ou represálias. É o espaço da liberdade de pensamento e de expressão. É o lugar da arte de aprender e ensinar os caminhos de pensar. Se é possível lutar por uma educação dialógica, impregnada de investigação, por que não tentar descobrir, na prática da sala de aula, que, se as crianças vivem a vida da investigação, é possível pensar criticamente, de modo aberto, reflexivo, responsável, com o que se aprende construindo sobre as idéias. Essas são as características fundamentais que permitem

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pressupor a noção de comunidade de investigação.

Difícil para uns pensar a filosofia em razão de sua complexidade. Pensá-la no cenário escolar constitui, ao menos para nós, um grande desafio, pois se de um lado, temos diversas concepções de filosofia existentes na esteira das práticas dos docentes; do outro lado, as dificuldades inerentes a toda a educação no atual contexto neoliberal, no qual essa escola procura constituir-se apenas em uma alavanca a serviço do mercado de trabalho, dos vestibulares e dos concursos, existe uma preocupação com as provas e métodos avaliadores, que avaliam apenas o técnico.

Esse modelo de escola parece nem ter se mostrada preparada para articular saberes. Ela está muito mais interessada em transmitir conhecimentos e saberes poucos especializados, seguindo as imposições deste modelo de sociedade que só considera que alguma coisa tem o direito de existir, se tiver alguma finalidade prática, visível e de utilidade imediata. Acreditamos que devemos ampliar os horizontes do que se quer com a escola e com a filosofia na escola, pela própria natureza de nossa atividade docente com a filosofia.

[...] a filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p. 189)

A importância dos conteúdos de filosofia na formação integral da pessoa humana tem sido reconhecida inquestionavelmente na nova LDB. No artigo 35 em seu inciso III prescreve, aludindo diretamente aos conteúdos e indiretamente a disciplina



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de filosofia, quanto a necessidade do “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

A valorização da filosofia na LDB é também reforçada no artigo 36, parágrafo 1º, inciso III quando decreta a necessidade do “domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no subtítulo “Conhecimentos de filosofia” da “Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias”, reforçam a posição adotada na LDB afirmando que “a nova legislação educacional brasileira parece reconhecer afinal, o próprio sentido histórico da atividade filosófica e, por esse motivo, enfatiza a competência da filosofia para promover, sistematicamente, condições indispensáveis para a formação da cidadania plena” (p. 89).

Nós que nos dedicamos ao ensino da filosofia temos como habituais acompanhantes em nossa vida profissional, duas perguntas muito simples, que parecem ser as orientadoras de nossos passos didáticos mais decididos, mas também de nossas preocupações filosóficas mais reiteradas: Como ensinar? O que ensinar? Ensinar filosofia supõe pôr em ação uma atividade ou uma prática a partir de certas questões que não estão constituídas como um campo fechado de saberes e, como essa atividade é também seu próprio objeto, abordar os desafios do ‘que’ e ‘como’ torna-se uma tarefa complexa, a qual devemos, a cada dia, nos desafiar didaticamente.

Carlos Drummond de Andrade, afirma em uma crônica, publicada em 1976, que as crianças são poetas. Basta convivermos um pouco com as crianças e já vamos perceber a capacidade imaginativa que elas possuem. O lúdico e a criatividade infantil ainda hoje é um universo a ser descoberto e a massificação e o uso de uma pedagogia

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

engessada que pré-estabelece padrões e normas a serem seguidos acabam por ceifar a criatividade e a própria capacidade filosófica da criança. Reconhecer a capacidade filosófica na criança é o primeiro passo para pensarmos em uma filosofia com crianças, o que talvez não seja uma missão tão impossível assim, já que a criança por natureza apresenta-se filosófica.

Lipman e o ensino de filosofia com crianças

O primeiro a defender proposta “Filosofia para criança” foi o educador e filósofo norte-americano Matthew Lipman que, na década de 1960, percebendo a dificuldade em seus alunos criou o que chama de Pedagogia da Comunidade de Investigação, por meio de construção de textos, ou como ele mesmo denomina novelas filosóficas. A leitura desses textos tinha como objetivo provocar seus alunos para o diálogo e assim provocar, nas crianças, dúvidas. Esses textos devem sempre estar voltados ao interesse das crianças, mas devem gerar um incômodo filosófico que as levem aos questionamentos. “A filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo” (LIPMAN, 1995).

Lipman encontra inspiração em J. Dewey e L.Vygotsky que afirmam a necessidade de aprender a pensar e não apenas memorizar conteúdos. Para Lipman há algo semelhante entre os filósofos e as crianças, a capacidade de perguntar sobre o que talvez seja corriqueiro para nós, e maravilhar-se com o seu meio. É preciso entender a criança como seres sócio-históricos, que interagem com a realidade e são diretamente afetados por imagens, situações, emoções pela própria vida, e fazer disso, instrumento para suas práticas filosóficas. Assim, as crianças conseguem criar e reconstruir conceitos e buscar formas de explicação mais abrangentes para as

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

adversidades de sua vida, abrangendo questões como a verdade, as regras, a justiça, a realidade, a bondade, a amizade e seu meio social.

[...] a filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p. 189)

Para a educação infantil e a das séries iniciais a filosofia, sem dúvida, será uma grande estratégia para provocar nas crianças um novo jeito de ver o mundo que a cerca e as possibilidades de pensar utilizando dos métodos filosóficos. O que para alguns parece absurdo, uma criança filosofar, para nós é, sem dúvida, uma possibilidade que acrescentará em muito para a formação do indivíduo e do próprio cidadão que, com certeza, com o auxílio da filosofia se tornará mais politizado.

Pensar na inserção da Filosofia na escola fundamental é estar disposto a olhar para as crianças, vendo nelas não adultos em miniaturas, mas crianças que são capazes de quando valorizadas, refletir com vistas a ideias próprias, o que é melhor, com grau de compreensão suficiente. (MALACARNE, 2005, p. 63)

Platão, filósofo clássico da Grécia antiga, refutava a ideia de que uma criança pudesse fazer filosofia, e essa ideia passou por muitos pensadores. Visto que o olhar para a criança era como um ser incapaz, ou como John Locke diria: “uma tabula rasa”, que durante a vida sofre todas as influências até se tornar um homem e pensar por si. Somente aí que poderá exercitar a filosofia. Ou, além disso, uma visão geneticista, ou seja, uma criança pré-pronta, com todos os juízos de valores formados.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mas, a forma de olhar para a criança mudou, principalmente, com o avanço da psicologia.

Para Vygotsky, a criança é um ser social e desde os seus primeiros momentos de vida ela já faz parte de um todo macrossocial, o qual, por sua vez, poderá interferir em seu comportamento humano através de mediações constantes entre este ser e a linguagem. Além disso, segundo ele, o indivíduo é formado pelo entrelaçamento de duas linhas distintas: uma de origem biológica e outra de origem sócio-cultural.

A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesma algum objeto que não tenha visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites. (VYGOTSKY, 1998, p. 122)

A filosofia com crianças possibilitaria esse diálogo, mediado por um professor que conduzirá essa conversa de modo a ampliar os horizontes do tema proposto. Nota-se que a linguagem é fator determinante para o desenvolvimento do aprendizado, isto pelo fato de que “é por meio da linguagem que a criança constrói a representação da realidade na qual está inserida” (JOBIM e SOUZA, 2001, p. 24).

Segundo Vygotsky o aprendizado conduz ao desenvolvimento, o conhecimento já adquirido é o que pode ser dominado pela criança. Com a ajuda de outros colegas mais capazes ou do professor, por meio de uma zona intermediária que Vygotsky denomina de zona de desenvolvimento proximal, na qual, a criança enquanto vai se desenvolvendo vai galgando passos para uma nova aprendizagem e esse momento entre o não conhecer e o conhecer denomina-se de: zona de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolvimento proximal, que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão” (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

Segundo Dewey o desenvolvimento intelectual está ligado ao progresso social, Dewey acenou para a natureza moral e social da escola; segundo ele, essa poderia servir como uma comunidade em miniatura na “sociedade embriônica”. Sendo assim, o ambiente escolar estabelece elementos necessários para a formação do sujeito engajado na sociedade.

Por meio dessas concepções sobre aprendizagem apresentadas por Vygotsky e Dewey, Lipman acena para a filosofia com criança como uma proposta pedagógica das comunidades investigativas, priorizando os diálogos e as ideias, sobretudo a linguagem da própria das crianças.

As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamo-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 2002, p. 62)

Através de temas geradores construídos em forma de novelas filosóficas, as crianças iniciam sua atividade do pensar. Perguntas frequentes do cotidiano também como: de onde viemos? Para onde vamos? O Porquê? Fazem das aulas de filosofia com crianças um ambiente propício para a construção do “bem pensar”.

Segundo Vygotsky (1996, p. 108):

O homem haverá de conquistar seu futuro com ajuda de sua



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

imaginação criadora; orientar no amanhã uma conduta baseada no futuro e partir desse futuro é função básica da imaginação e, portanto, o princípio educativo do trabalho pedagógico consistirá em dirigir a conduta do escolar na linha de prepará-lo para o porvir, já que o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de alcance desse fim.

A criatividade deverá ser a base de qualquer filosofia, pensar o não pensado ou pensar de modo diferente o que já foi pensado, essa deve ser a especialidade da aula de filosofia com criança. A imaginação, o lúdico são fatores importantes no desenvolvimento das crianças.

Experiências já construídas com a filosofia com criança

Como já afirmamos acima, o pioneiro dessa experiência foi Lipman na década de 60, pautado nas teorias de Vygotsky e Jonh Dewey, compreendendo o lúdico e a perspicácia da criança, Lipman inicia seus trabalhos percebendo a dificuldade de raciocínio de seus alunos, principalmente referente à matemática e a lógica. No seu entendimento as reflexões estabelecidas pelos os alunos sobre o meio em que estão inseridas afetam drasticamente na compreensão de mundo e no seu papel no mesmo.

No Brasil quem difundiu as ideias de Lipman foi Catherine Young Silva (1973 ; 1993), após ter realizado seu mestrado na universidade de MontclairStateUniversity, orientada pelo próprio Lipman. Em 1982 retorna ao Brasil, mas só 1984, junto com um grupo de professores iniciam os trabalhos de filosofia com crianças. Assim Catherine inicia um trabalho de tradução dos textos de Lipman. Em 1985, este grupo criou O Centro Brasileiro de Filosofia para Criança (CBFC), que continuou a tradução de textos e também iniciou o desenvolvimento do programa nas escolas. Por meio desse grupo Lipman veio ao Brasil para palestras e congressos e, em 1992, já havia quarenta escolas

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com o programa de filosofia para crianças no estado de São Paulo. O sucesso dessas experiências despertou o interesse de escolas particulares. O lamentável é que o programa de filosofia com crianças não avançou no estado de São Paulo, mais alguns materiais didáticos sobre filosofia com criança são produzidos para escolas particulares que fazem uso do mesmo.

No Paraná, temos o Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar – IFEP- fundado em 31 de janeiro de 1995 pelo professor Dacísio N. Muraro. Sua sede é na cidade de Curitiba Paraná; seu trabalho consiste em manter a chama acesa sobre essa reflexão. Atualmente oferecem cursos sobre filosofia para crianças; já formaram cerca de 4 mil profissionais, bem como, mantém no ar um site contendo informações e artigos sobre o assunto.

Conclusão

Observando a proposta da filosofia com criança, percebemos que seria de grande valia sua implantação. A filosofia direcionada as crianças tende a promover o desenvolvimento racional e lógico. Outro ponto a destacar é interdisciplinaridade, pois, a filosofia transita em várias áreas do conhecimento. A metodologia da filosofia com criança deverá ser específica, observando a idade e o desenvolvimento, conforme apresentado no texto. O questionamento e o fazer perguntas são pontos marcantes, a capacidade de argumentar e organizar logicamente as idéias são os efeitos desse trabalho filosófico com criança.

Encontramos hoje algumas experiências isoladas filosofia com crianças, ambas apresentam resultados positivos segundo seus organizadores. Caberia neste contexto a pergunta: Por que não a expansão da filosofia com criança? A repostas

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

talvez esteja no próprio descaso com a educação infantil e fundamental, no currículo proposto e nas políticas públicas propostas, que não espera da escola uma sociedade pensante e sim uma massa de manobra.

Por fim, esse trabalho teve como objetivo proporcionar uma breve reflexão sobre o ensino de filosofia com crianças. Provocar essa reflexão será o primeiro passo para podermos promover propostas diferenciadas a educação infantil e fundamental primeiros anos, que visem o pensar filosófico, contribuindo assim para uma sociedade pensante.

Referências

- ASPIS, Renata Pereira Lima. “O professor de filosofia: no ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica”, *In Caderno do Cedes/Centro de Estudos Educação, Sociedade*, vol. 1, n.1. Campinas. São Paulo: Cortez, 2004.
- ANDRADE, C. D. de. **A educação do ser poético**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 61, n.140, p.593-594, out. 1976
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei 9394/96**
- CARLINI, Alda Luiza *et al.* Marta Scarpato (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CONTALDO, Silvia Maria de. “A Filosofia no Ensino Médio: interdisciplinaridade e temas transversais – desafios pedagógicos” *In GALLO, Sílvio; DANELON, Márcia & CORNELLI. Gabriele . Ensino de Filosofia: teoria e prática*. Ijuí: Unijui, 2004.
- CORNELLI, Gabrielli de. “A Lição dos Clássicos: algumas anotações sobre a história da filosofia na sala de aula” *In GALLO, Sílvio; DANELON, Márcia & CORNELLI. Gabriele Ensino de Filosofia: teoria e prática* . Ijuí: Unijui, 2004.
- GALLINA, Simone. “O ensino de filosofia e a criação de conceitos” *In. Caderno do Cedes/Centro de estudos Educação, Sociedade* . vol.1. n.1. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin** . São Paulo: Papyrus, 2001.
- KOHAN, W. O.; LEAL, B.; RIBEIRO, A. (orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KUENZER, Acácia. **Ensino Médio – Construindo uma proposta para os que vivem do**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- trabalho** . São Paulo: Cortez, 2002. p.193 a 196
- LIPMAN, M. Natasha . **Diálogos Vygotskianos**. Porto Alegre: Artes médicas, 2002.
- _____. **O Pensar na Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- _____. ; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F.S. **A filosofia na sala de aula..** São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- MALACARNE, V. **Formação dos professores e o Espaço da Filosofia**. São Paulo:2005. Texto de Qualificação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Mimeo.
- OLIVEIRA, Paula Ramos de. “Filosofia:em todo e nenhum lugar” *In GALLO, Sílvio; DANELON, Márcia & CORNELLI. Gabriele Ensino de Filosofia: teoria e prática . Ijuí: Unijui, 2004.*
- REGO, Teresa C. “Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos” *In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.*
- RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Ed. Vozes
- SEVERINO, Antonio Joaquim. “O ensino da filosofia: entre a estrutura e o evento” *In In GALLO, Sílvio; DANELON, Márcia & CORNELLI. Gabriele Ensino de Filosofia: teoria e prática . Ijuí: Unijui, 2004.*
- SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. “A Filosofia no Ensino Médio: uma (re) leitura a partir dos PCNs” *In GALLO, Sílvio; DANELON, Márcia & CORNELLI. Gabriele Ensino de Filosofia: teoria e prática . Ijuí: Unijui, 2004.*
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **La imaginación y el arte em la infancia**. Madri: Akal, 1996.
- _____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. **Psicologia pedagógica** . São Paulo: Martins Fontes, 2001.